

# Representatividade em cada peça

Desde muito jovem, Maria Alice Lima Batista pega a máquina de costura da avó para fazer seus experimentos. “Ela é minha referência de costureira”, orgulha-se. O ingresso no curso de moda do Senac acabou se tornando um processo quase natural. De cara, os professores perceberam o talento da jovem e a incentivaram a criar sua própria marca.

A pernambucana tinha 18 anos quando abriu o primeiro MEI (programa de Microempreendedor Individual). E lá se vai mais de uma década até que a Maria Alice Atelier (@marialiceatelier) se tornou uma marca autoral e manual. Ela começou com a produção de camisas e t-shirts.

A primeira coleção teve como inspiração um momento que estava vivendo: a de transição capilar. “Eu fiquei quase careca, porque tirei toda a química do cabelo. E foi um processo de reconhecimento. Eu me reconheci como mulher negra, e as estampas começaram a ter essa identidade de mulher preta”, detalha.

Essa representatividade está presente nas estampas que a estilista cria. “Temos umas estampas que traduzem o candomblé, a espiritualidade. Lembro que quando lancei a estampa de lemanjá, que foi a primeira de Orixá, não sabia como o público ia atender, porque a gente nunca tinha falado abertamente sobre o candomblé. Mas a aceitação foi massa desde o início.”



Fotos: @renatsilva\_fotografias/Divulgação



**Maria Alice criou sua marca aos 18 anos, e a estampa Gaivota é a mais famosa da marca**

## Nordeste presente

Bairrista assumida, Maria Alice traz Pernambuco em suas criações, como na estampa Revoada, até hoje a mais famosa da marca, em que o Nordeste é representado nos traços do artista popular J. Borges. “O cacto, o solzinho, a

asa branca está presente até hoje. É muito característico da nossa marca”, ressalta.

Ainda este ano, a jovem deve lançar uma coleção em parceria com rendeiras de Alagoas que trabalham com a renda filé — um bordado feito sobre uma rede de fios atados em nós. “A força do Nordeste está em todo o nosso trabalho.”

Rodrigo Gonçalves/Divulgação



**As bolsas de Prazeres são feitas em tear manual**

# Acessórios feitos fio a fio

Arquiteta de formação, Prazeres Accioly (@lojaprazesacciolly) usou, inicialmente, suas habilidades na arte de tear para criar peças de decoração. E, assim, permaneceu por quase uma década. Até que, há 15 anos, resolveu migrar para o mundo da moda e aplicar a mesma técnica na produção de acessórios de moda, especialmente bolsas, que se tornaram sua marca registrada.

Prazeres faz questão de explicar que, apesar de existir o tear elétrico, as suas peças são feitas 100% manualmente, trançadas fio a fio em um tear de madeira. “A minha história é pesquisar fibras e fios. Às vezes, faço combinações inusitadas. Recentemente, usei fio de cobre e tramei com buchas coloridas para dar maleabilidade à peça”, exemplifica.

O processo criativo da pernambucana começa com o desenho da peça em papel e a escolha do tipo de trama que será aplicada. Antes de pôr a mão na massa,

ela planeja cada etapa, a quantidade de fios que será usada tanto na horizontal quanto na vertical, que definirá o tamanho da bolsa. “Eu achava que eu não era estilista, mas as pessoas dizem que eu sou, né?”, orgulha-se.

Perfeccionista, Prazeres faz questão de acompanhar todo o processo, mesmo depois que o tear

está finalizado. Não é ela quem faz o acabamento, de colocar o fecho nas bolsas. “Mas eu compro cada pecinha e explico exatamente como quero que seja executado”, garante. O resultado são itens exclusivos e modernos, apesar de feitos com uma técnica milenar.